

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

No presente número de *Veritas – Revista de Filosofia*, que ganha o título de “História da Filosofia e Filosofia Contemporânea”, oferece-se ao público leitor uma ampla variedade de estudos em distintos períodos da história da filosofia, desde a filosofia antiga, passando pela filosofia árabe antiga, pela filosofia medieval e a escolástica barroca, até a filosofia moderna. Somam-se aos sete estudos iniciais sob a primeira rubrica dois ensaios sobre filosofia contemporânea, a saber, sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein e a teoria da causalidade na filosofia da biologia.

No estudo de abertura do presente número, a saber, “Tripartição e estrutura bipolar da alma em Platão / *Tripartite and Bipolar Structure of the Soul in Plato*”, Marcelo Perine defende a tese de que, quando Platão trata das “afecções e as formas que ela [a alma] tem na vida humana” (*República* X, 612 A), o filósofo grego descreve a alma segundo um esquema tripartite, tal como já aparecera na exposição dos seus gêneros na passagem de *República* IV, 437B-441C. Por sua vez, no diálogo *Timeu*, ao tomar o caminho mais longo para realizar a exposição da natureza da alma, Platão apresenta a Ideia da alma cósmica como uma mistura de três Ideias intermediárias procedentes de um princípio bipolar. A tese vem a ser, então, que, assim como na alma do mundo, também a alma humana possui uma estrutura tripartite, ela mesma hierarquizada segundo o mesmo princípio bipolar que governa a realidade. A meta central do artigo de Marcelo Perine é mostrar que essas perspectivas não se contradizem, mas se completam na obra platônica.

No estudo seguinte, que também tem na natureza da alma o seu enfoque, a saber, “A concepção de alma em Avicena: Não apesar de Aristóteles e, sim, através de Aristóteles / *Avicenna’s Concept of the Soul: Not despite Aristotle, but Rather through Aristotle*”, Antonio Carlos de Madalena Genz expõe a concepção de alma de Avicena (Ibn Sina) tal como apresentada no *Livro da alma*, com particular atenção ao experimento do Homem Suspenso no Espaço (HSE) e as questões derivadas a partir do mesmo. Essas dizem respeito ao vínculo de Avicena com o aristotelismo ou o neoplatonismo, as duas principais influências filosóficas sobre

o autor. Embora utilize principalmente conceitos aristotélicos, com o mencionado experimento Avicena rompe com a concepção aristotélica da alma, afirmando a estrita substancialidade dessa última. No artigo, busca-se mostrar que, não obstante a noção de substancialidade ser estranha ao quadro aristotélico, ainda assim Avicena é mais bem compreendido, quanto à doutrina da alma, se visto pela “ótica aristotélica”, e não por uma “ótica neoplatônica”.

No artigo “Teologia, filosofia e ciência / *Theology, Philosophy, and Science*”, Rogério Miranda de Almeida procura mostrar as vicissitudes e ambiguidades que marcaram as relações entre fé e razão, fé e ciência, ao longo da tradição cristã. Segundo o autor, foram, com efeito, três as tendências principais que caracterizaram essa relação: uma tendência que vê uma identificação ou equivalência entre essas duas esferas do saber; uma outra que, pelo contrário, as considera irremediavelmente antagônicas entre si, e, finalmente, uma tendência mediana, que reivindica uma complementariedade ou uma ajuda mútua entre fé e razão. Um fator particular que virá acirrar e intensificar essas relações ocorrerá a partir do século 12, quando a teologia adquirirá o estatuto de ciência e, sobretudo, ao longo do século 13, com a fundação das universidades e a entrada em cena de Aristóteles na escolástica latina.

No quarto artigo do presente número, também ele focado na filosofia na Idade Média, Alfredo Santiago Culleton, em “A filosofia política de João Gerson (1363-1429) e o debate sobre a autonomia e os limites dos poderes / *John Gerson's (1363-1429) Political Philosophy and the Debate on Autonomy and Limits of Power*”, assume que o longo debate provocado pelo Cisma do Ocidente (1378-1417) propiciou um profícuo aprofundamento sobre conceitos importantes e próprios da filosofia política, aprofundamento esse que, embora no marco da filosofia medieval, destacou elementos que viriam a ser fundamentais para o desenvolvimento da filosofia política moderna. Em seu estudo, Alfredo Santiago Culleton explicita em detalhes a contribuição trazida por João Gerson para esse debate, sobretudo no que concerne aos conceitos de lei natural, regimes de governo e ainda divisão de poderes.

No bloco seguinte, montado com dois estudos sobre escolástica barroca, em particular ibérica, Diego Alfredo Perez Rivas, em “Condición, naturaleza humana y el origen de la sociedad civil en la filosofía vitoriana / *Human Condition, Human Nature, and The Origin of Civil Society in Francisco de Vitoria's Philosophy*”, sustenta que, na filosofia de Francisco de Vitoria, são as faculdades da natureza humana e a vulnerabilidade da condição humana os fatores que dão possibilidade à criação da sociedade civil. O mestre dominicano defende que o poder civil reside na República, e não é transferido, mediante a graça divina, a nenhuma

pessoa em particular. Diego Alfredo Perez Rivas insiste, com isso, que a discussão sobre a origem da sociedade civil desdobrada por Vitoria ocorre mediante argumentos estritamente filosóficos. Isso significa uma primeira aproximação a teorias modernas da soberania popular. Dito de forma sucinta, o autor busca revisar as ideias de Francisco de Vitoria considerando três “dicotomias”, a saber, a graça e a natureza humana, o *lógos* e a sociabilidade e, finalmente, a racionalidade e a liberdade.

Depois disso, João Rebalde, em “A liberdade humana e as suas diferentes situações existenciais: a infância, o sono, a demência e a ignorância no pensamento de Luis de Molina (1535-1600) / *Human Freedom and its Different Existential Situations: Infancy, Sleep, Insanity and Ignorance According to Luis de Molina (1535-1600)*”, pretende mostrar de que maneira o jesuíta Luis de Molina define a liberdade humana e a pensa em diferentes “situações existenciais”, a saber, naquelas expressas já no título do ensaio, em particular com base na controversa obra *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis, divina praescientia, providentia, praedestinatione et reprobatione*, publicada em 1588. Além disso, João Rebalde discute também a importância da “educação”, da “medicina” e ainda da “religião” no desenvolvimento do ser humano, no pensamento de Molina.

No sétimo artigo do presente número de *Veritas – Revista de Filosofia*, dando fechamento a uma série de estudos em perspectiva histórico-temática, Fabiano Lemos, em “Narratividade histórica e natureza humana em Hume / *Historical Narrativity and Human Nature in Hume*”, discute o estatuto da narratividade na obra de Hume, não apenas como metodologia, mas como o único meio através do qual a natureza humana pode ser abordada no interior de seu projeto de uma “ciência do homem”. Em uma perspectiva exclusivamente empírica, a história se revela como o nível de composição de narrações – tanto no estudo dos costumes quanto ao lidar com a formação das relações de ideias. Assim, a leitura de muitos comentadores de Hume, que dissociam o *Tratado da História da Inglaterra* como dois desenvolvimentos separados de uma escrita heterogênea, pode ser desconstruída através de uma consideração atenta do que está em jogo nas demandas de objetividade no contexto da “historiografia pós-rankeana”.

Finalmente, no bloco de estudos em filosofia contemporânea, tem-se de início o artigo de Juliano Santos do Carmo, “Wittgenstein: uma abordagem expressivista sobre as emoções / *Wittgenstein: An Expressivist Approach about Emotions*”, em que se busca mostrar que a abordagem de Wittgenstein sobre os conceitos de sensação e emoção pode lançar luz sobre muitos dilemas filosóficos que permanecem presentes no debate contemporâneo. A análise de Juliano Santos do Carmo tem como ponto de

partida a abordagem de Jesse Prinz sobre as emoções, a qual é ela mesma fortemente influenciada pela teoria fisiológica de William James. O autor procura deixar explícito que Jesse Prinz está sujeito as mesmas críticas que Wittgenstein dirigiu à teoria de William James. O autor argumenta que Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas*, defendeu um tipo peculiar de expressivismo, que, apesar de manter profundas diferenças com o expressivismo tradicional, é capaz de ser entendido como uma “posição não-cognitivista”. Ademais, Juliano Santos do Carmo argumenta que o erro na teoria de William James (e, portanto, também o erro de Jesse Prinz) é não considerar os “múltiplos usos dos termos psicológicos” (ou seja, pensar que os termos psicológicos possuem um uso uniforme).

No nono e último estudo trazido neste número de *Veritas – Revista de Filosofia*, Gustavo Caponi, em “El mosaico de Bernard – La explicación causal en biología funcional / *The Mosaic of Bernard – Cause and Effect in Functional Biology*”, afirma que, segundo um ponto de vista muito difundido, e alinhado com a concepção nômica da explicação causal, a biologia funcional se acha submetida a um regime de heteronomia explicativa, em cujo marco os fenômenos orgânicos devem ser explicados, recorrendo a leis que são oriundas da física e da química. Indo em direção contrária a essa primeira perspectiva, a concepção experimental da causação permite entender a natureza de muitas explicações biológicas que, sem fazer qualquer referência a leis causais – sejam elas físicas, químicas, ou de qualquer outra natureza –, legitimam-se pelo fato de que nos põem em condições de controlar experimentalmente fenômenos relativos ao funcionamento e à constituição dos organismos. Essas explicações pressupõem “invariantes locais”, que, muitas vezes, ainda que não necessariamente sempre, poderão vir a ser caracterizados como “instâncias de leis físico-químicas”.

Roberto Hofmeister Pich

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS